

O primeiro ensaio do livro, sôbre Murilo Mendes, bem reflete a preocupação do crítico em compreender a terra de sua filiação pelo que nela se encontra de mais representativo. Ressente-se ^{em um momento} mesmo da imprecisão do nosso vocabulário crítico sôbre matéria de teologia mística, ^{alheados} ~~ignorantes~~ como são, com raras exceções, os mossos críticos dessas coisas de religião. Assim, a palavra mística e poesia mística aparece nêle com uma conotação teológica que um católico da cultura do sr. Roberto Alvim Corrêa, certamente, ^{de mais} ~~deveria~~ ~~atentasse~~ ~~nisso~~, deveria evitar. Tamanha é a confusão reinante entre nós a esse respeito. E ninguém como êle, depois de Tristão de Athayde, melhor indicado para nos esclarecer sôbre essas coisas. Por-que falar, pois, em "poeta místico" quando se trata apenas de "poeta cristão", ou "poeta católico", no sentido apenas de "poeta de inspiração católica ou de inspiração cristã, rejeitando, como o A. e nós rejeitamos, qualquer servidão para a poesia, mas, reconhecendo por outro lado, como dizia Bernanos, que se lhe dizem que "um grande poeta é católico, só tem motivos para se alegrar com isso", desde que não pretenda fazer propaganda religiosa com a sua poesia, mas exprimir apenas a sua maneira de ser como poeta?

No mais, o ensaio sôbre Murilo Mendes testemunha a justa posição do crítico ~~de poesia~~, nada categórico a respeito de coisas inefáveis como as da poesia, nada dogmático nem ditatorial em coisas em que a liberdade de ser e de manifestar-se poeticamente é de todas as liberdades da pessoa humana aquela que mais escapa à prisão da ~~ex~~ falsa e pretenciosa crítica de poesia. O ensaio sôbre Manuel Bandeira é uma das coisas mais profundas e belas que se escreveu entre nós sôbre ^{mais querido e notável} o maior dos nossos poetas do movimento modernista como do post-modernista, de quem, há pouco, João Gaspar Simões não hesitava em afirmar, em seu último livro, "Liberdade do Espírito" (página 323): "Manuel Bandeira é talvez o único poeta do Brasil em cuja inspiração pulsa, por vezes, o sangue do próprio gênio".

Belos e profundos ^{que designa de} são os seus ensaios sôbre Ribeiro Couto ~~como~~ poeta da nostalgia; Cecília Meireles como a historiadora do inefável das nossas coisas poéticas ainda não comunicadas; sôbre Schmidt, não como o poeta lírico que sempre o foi e um grande poeta, mas também como o grande poeta épico da experiência que intitulou "Descobrimento", ainda inacabada.

^{Seguro, honesto e revelador} Nem menos profundo e seguro é o crítico de Mallarmé, Marcel Proust, Mauriac, Bernanos, Charles Du Bos, Gide, Romain Rolland, sempre conseguindo dizer coisas novas e sobretudo coisas simples para o grande público que lê os nossos jornais em busca de informações e de ~~existir~~ cultura literária.

Os três ensaios sôbre José Lins do Rêgo, considerado por um crítico português que não recordo agora, um dos maiores romancistas da língua portuguesa, (ou Casais Monteiro, ou João Gaspar Simões), situam perfeitamente a obra do grande escritor nordestino na literatura brasileira e portuguesa em geral. ^{A respeito de a respeito de a respeito} Sôbre o ensaio de Tristão de Athayde, o nosso maior crítico literário e hoje o maior crítico de idéas das línguas latinas, sem dúvida nenhuma, e sôbre o que disse de Gilberto Freyre, como ensaísta e sôbre Mario de Andrade, Alvaro Lins e Sílvio Romero - Roberto Alvim Corrêa revela, mais uma vez, a sua grande acuidade crítica a serviço de uma preocupação de informar o grande público, aliando, admiravelmente, a cultura e a divulgação críticas.

Já se pode, afinal, pela leitura do seu livro "Anteu de a crítica" espe-

Está aí um grande poeta que a crítica espere em suas citações cotidianas, talvez por que o nome Rui vive ausente das redinhas!

em importância